# Estratégias discursivo-políticas no programa *Morning Show* da rádio Jovem Pan

**ANTONIEL GUIMARÃES TAVARES SILVA***

**LAURIANNE GUIMARÃES MENDES****

**Resumo**: O objetivo deste trabalho é analisar os sujeitos constituídos nas transcrições dos diálogos realizados entre os comentaristas Adrilles Jorge, Zoe Martinez e Joel Pinheiro no programa *Morning Show* da rádio Jovem Pan. Este estudo se insere no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, especialmente com fulcro nas noções de *enunciado*, *discurso* e *sujeito* apresentadas por Michel Foucault. Dessa forma, buscamos investigar como os sujeitos adotam estratégias discursivo-políticas e se posicionam no discurso político por meio de um jogo de resistências e poder. Para tanto, abordamos os recortes dos enunciados em seu funcionamento social e histórico a partir das regularidades discursivas examinadas e demonstradas no *corpus*.

**Palavras-chave**: enunciado; discurso; sujeito; resistência; discurso político.

**Discursive-political strategies in the Morning Show program on Jovem Pan radio**

**Abstract:** The objective of this work is to analyze the subjects constituted in the transcripts of the dialogues carried out between the commentators Adrilles Jorge, Zoe Martinez and Joel Pinheiro in the Morning Show program of Jovem Pan radio. This study is part of the theoretical-methodological framework of French Discourse Analysis, especially with fulcrum on the notions of *statment*, *discourse* and *subject* presented by Michel Foucault. Thus, we seek to investigate how subjects adopt discursive-political strategies and position themselves in the political discourse through a game of resistance and power. Therefore, we approach the excerpts of the statements in their social and historical functioning from the discursive regularities examined and demonstrated in the *corpus*.

**Key words**: statement; discourse; subject; resistance; political speech.

* **ANTONIEL GUIMARÃES TAVARES SILVA** é doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Juína. E-mail: gui.antoniel@gmail.com

** **LAURIANNE GUIMARÃES MENDES** é Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso. E-mail: laurianneguime@gmail.com

## Introdução

A variedade dos meios de comunicação recorrente no ano de 2021 nos oferece um lugar privilegiado de disseminação de informações cada vez mais rápida e diversa, pois, além da circulação de informações por meio de jornais e revistas, como era comum há duas décadas, também estamos inseridos em uma conjectura de novas modalidades de interação entre os sujeitos da sociedade brasileira. Nesse sentido, veículos digitais, como as redes sociais, desempenham um relevante papel na propagação do conhecimento sobre diferentes temas concernentes àquela atualidade histórica. Um desses canais digitais se trata do programa *Morning Show*, vinculado à rede de rádio comercial Jovem Pan.

A saber, o programa é transmitido simultaneamente pelo sistema de rádio FM e pela rede social YouTube, neste, com a transmissão em tempo real da imagem. Esse programa se compõe de uma bancada formada por três comentaristas e dois mediadores, os quais debatem sobre pautas preferencialmente políticas mediante a premissa de que cada membro apresenta uma posição opinativa distinta a respeito do conteúdo. Portanto, considera-se viável analisar como os comentaristas se constituem como sujeitos por meio da análise das transcrições dos diálogos, a fim de investigar quais estratégias discursivo-políticas são adotadas na produção do enunciado. Isso ocorre uma vez que as regularidades das práticas desses sujeitos revelam as condições de possibilidade de emergência do que chamaremos de discurso político.

Dessa forma, buscamos responder às seguintes questões: quais regularidades históricas estão presentes nos enunciados produzidos pelos comentaristas? Quais relações de poder podem ser descritas? E como os sujeitos se inscrevem no discurso político para ocupar uma posição estratégica? Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar as condições de possibilidade de emergência do discurso político nos enunciados produzidos por Adrilles Jorge, Zoe Martinez e Joel Pinheiro, visando apresentar as estratégias discursivo-políticas utilizadas pelos sujeitos. Posto isso, aventamos a hipótese de que o programa *Morning Show*, como instituição de comunicação, vincula-se a um entrelaçamento de alinhamentos partidários, os quais instauram posições de sujeitos sempre em oposição e contradição naquela atualidade histórica singular.

Para tanto, valemo-nos do campo de estudos da Análise do Discurso francesa, especialmente sobre as contribuições de Michel Foucault, chamada também de Análise do Discurso foucaultiana. Mediante o interesse deste trabalho, mobilizamos as perspectivas teórico-metodológicas, principalmente, das obras do autor mencionado *A arqueologia do saber* (2008), *A ordem do discurso* (1999), *Vigiar e punir* (2004), *O sujeito e o poder* (1995). Essas obras se mostram suficientes para pensarmos sobre a perspectiva arquegenealógica de análise do sujeito, isto é, oferece um conjunto de noções inerentes à análise de enunciados, discursos e sujeitos em suas respectivas abordagens das relações de *saber*, *poder* e *subjetividade*. Além disso, acionamos também os estudos de Fernandes (2012), por discutir a respeito de como os discursos atravessam os enunciados e constituem sujeitos sob o ângulo da Análise do Discurso francesa.

Por conseguinte, selecionamos como material de análise a transcrição dos diálogos realizados pelos comentaristas mencionados. Além do mais, tomamos

os recortes de determinados trechos como enunciados os quais chamamos de *sequências discursivas*, isto é, sequências de enunciados considerando as condições de possibilidade de atravessamento de discursos constituídos social, histórico e politicamente. Ressaltamos que a seleção dos enunciados não se estabelece pelo interesse em evidenciar uma determinada posição partidária de um ou outro sujeito, mas sim, por outro lado, em demonstrar como as estratégias discursivo-políticas subsidiam a emergência de posições subjetivas distintas e antagônicas.

Assim, o objetivo desta análise se restringe a investigar como essas posições se materializam nos enunciados, e não avaliar uma posição de verdade absoluta de uma ou outra vinculação a lugares partidários instalados pelos sujeitos. Ademais, o método da *arquegenealogia do sujeito* se preocupa com a constituição de sujeitos a partir da materialização das relações de saber e poder nos enunciados os quais fazem emergir discursos condicionados.

A título de organização deste estudo, apresentamos inicialmente, como rota teórica, as contribuições da obra foucaultiana para refletirmos sobre os conceitos de *enunciado*, *discurso* e *sujeito*. Isso se dá com fulcro nas perspectivas arqueológica e genealógica frente à disposição das instâncias necessárias para a construção do objeto de análise, o discurso político. Em seguida, reunimos os elementos suficientes para a composição de um procedimento metodológico de investigação do material de análise sob a perspectiva discursiva. Depois, delineamos os critérios de recorte do *corpus*, almejando operacionalizar as noções epistemológicas elencadas e, por último, analisamos as sequências discursivas para atender ao objetivo geral e responder aos questionamentos iniciais.

**Enunciado, discurso e sujeito**

A noção de *enunciado* apresentada em *A arqueologia do saber* se insere no que Foucault (2008) chama de *Nova História*. Em ruptura com a *História Tradicional*, o historiador se vincula a um olhar para o enunciado não como uma sucessão contínua de dizeres concernentes a um dado recorte histórico, mas, pelo contrário, percebe esse enunciado em um jogo de *descontinuidades*, ou seja, de tratar todo o material histórico em sua atualidade singular. Isso implica pensarmos o sujeito materializado no enunciado a partir de um *acontecimento histórico* crivado por dada *memória discursiva* inerente à determinação de uma *exterioridade* enunciativa. Ou seja, não se trata de observar essa materialidade no nível da frase ou da proposição, mas sim no nível discursivo, isto é, no nível da condição histórica.

O *enunciado*, portanto, não se remete à imanência linguística, mas ao funcional, ao significativo, ao discursivo. Logo, chamamos de *sequência discursiva* o recorte de enunciados sempre como um *acontecimento histórico* que se formula a partir de certas formações discursivas. Nessa perspectiva, pensar o conceito de *discurso* infere situar a regularidade dos enunciados em uma formação discursiva específica. O filósofo francês supramencionado assim define essa noção a qual nos valemos neste trabalho:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e

> funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Nesse sentido, examinar os sistemas de dispersão das instâncias enunciativas demonstra como as condições de existência das regularidades entre enunciados se compõem para fazer emergir um discurso. Assim, não se diz qualquer coisa em qualquer momento histórico isento de estratégias discursivo-políticas incidentes ao sujeito, pois delineiam-se nos dizeres determinadas regras no processo de formulação de cada formação discursiva.

Em suma, não se busca agrupar enunciados em prol de obter unidades significativas, mas sim de estabelecer as regularidades desses agrupamentos naquela atualidade particular, já que, de acordo com Foucault (2008, p. 111), "Não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados […]". Isso significa que a análise do enunciado possui como pressuposto a sua relação com outros enunciados produzidos historicamente e resgatados por uma memória discursiva a partir da construção de dada verdade validada por aquele momento histórico. Essa perspectiva arqueológica nos mostra o caminho que adotamos ao analisar o enunciado para dar conta da descrição de um discurso demonstrado no dizer.

Especificamente, por *discurso*, entendemos todo o conjunto de condições de possibilidade para que certos enunciados sejam produzidos daquela maneira e não de outra, um consenso nos estudos foucaultianos. Assim sendo, apoiamo-nos na afirmação desse autor em *A ordem do discurso*:

> Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

Por conseguinte, a produção de um enunciado não obedece a uma ordem aleatória de emergência, mas, pelo contrário, ordena-se e organiza-se segundo regras de formação estrategicamente fixadas. É, além disso, legitimada por discursos que estabelecem funções regidas pela incursão de um efeito de verdade. A verdade aqui condiz de uma instância de condução das práticas discursivas dos sujeitos. Foucault (1997) assim descreve essa concepção:

> As práticas discursivas caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias. Cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas (FOUCAULT, 1997, p. 11).

Em essência, o enunciado serve de materialidade para o atravessamento de discursos, e essa associação se vincula à descrição das práticas discursivas executadas pelos sujeitos. Ademais, ao reiterarmos essas práticas discursivas, as direcionamos para as relações de poder.

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2004) apresenta o princípio da *disciplina*. A disciplina concerne em tomar o corpo do indivíduo como um suporte de instauração de discursos os quais incidem sobre esse corpo e os constitui em sujeito perpassado por certas relações dinâmicas. Ou melhor, averigua Foucault (2004, p. 118) sobre os métodos de controle: "Esses métodos que

permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas".

Assim, um sujeito pode ocupar uma posição no discurso sempre em relação a outro sujeito em uma escala disciplinar de controle concedida por uma instituição social, por exemplo, um veículo midiático. Ainda sobre o poder disciplinar, acionamos o seguinte:

> Como todos os tipos de poder, o poder disciplinar visa a conduzir a conduta dos sujeitos; intervém, ou procura intervir, em todas as ações do sujeito, seu alvo, não deixando escapar nem um gesto, nem um instante, antes mesmo de que a ação se realize, ou seja, no momento em que a virtualidade está se concretizando, tornando-se realidade (FERNANDES, 2012, p. 62).

Ou seja, o poder disciplinar envolve o controle institucional das práticas dos sujeitos no sentido de conduzir a conduta e prescrever o que possui a autorização de ser produzido naquela realidade histórica. Esse entendimento das relações de poder pode ser analisado sob a perspectiva da chamada genealogia do poder. Esta investiga quais as condições de possibilidade para que um sujeito seja constituído em sua relação com outro sujeito no interior de uma instituição social a qual localiza as práticas discursivas em dadas normas disciplinares vigentes. Com isso, Foucault (2004) defende que olhar para a relação de poder materializada no enunciado dá conta de identificarmos a posição do sujeito naquele discurso em tela, pois revela a certificação do dizer naquele espaço e naquele recorte histórico com cerne em dado efeito de verdade.

Assim sendo, pensando nessa perspectiva arquegenealógica, o sujeito se constitui tanto nas relações de saber provindas das regularidades enunciativas quanto das relações de poder originadas das relações discursivas. Logo, saber e poder não se dissociam, assim como enunciado e discurso. Em *O sujeito e o poder*, Foucault (1995) discute a respeito de como o *sujeito* interdepende dessas relações saber-poder. Em primeiro lugar, o sujeito sempre está inserido em uma relação de poder na qual há a possibilidade de resistência a qualquer prática discursiva. Dessa forma, concordamos com a próxima afirmação:

> É a forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 2005, p. 235, grifo no original).

Dessa forma, ao nos referirmos à noção de sujeito, remetemos não a um sujeito individualizado, mas a uma posição no discurso, a um lugar anônimo crivado por regularidades enunciativas capazes de determinar o que pode ou deve ser dito naquela conjectura social, histórica e política. Ou seja, quando Foucault (2005) se refere ao poder como um âmbito determinante da *sujeição*, pressupomos que cada sujeito sempre se constitui em sua relação com o outro a partir de um imbricamento ao que é dito e ao que fora dito anteriormente em um jogo de verdade. Consideramos suficiente essa breve discussão sobre a perspectiva arquegenealógica, pois vislumbramos investigar no *corpus* como as relações *saber-poder* fecundam a constituição dos sujeitos a partir do exame das estratégias discursivo-políticas.

**Análise do *corpus***

Selecionamos como material de análise a transcrição de um trecho do vídeo publicado na rede social YouTube, especificamente no canal *Morning Show*, no dia 23 de setembro de 2021, intitulado "Análise do discurso de Bolsonaro na ONU". Além disso, utilizamos como critério de recorte das sequências discursivas para compor o *corpus*, o momento em que os participantes Joel, Zoe e Adrilles emitem seus respectivos comentários a respeito dos impactos sociais, políticos e econômicos no Brasil, acarretados pelo pronunciamento do atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro.

Reiteramos que o objetivo da análise não é realizar uma interpretação do conteúdo apresentado ou investigar um conjunto de enunciados isolados de um contexto mais amplo. Pelo contrário, buscamos examinar nessas sequências discursivas quais são as estratégias discursivo-políticas das quais os sujeitos se valem para produzir os seus dizeres a partir da descrição das condições de possibilidade de emergência do discurso político.

Primeiramente, verifiquemos quais as regularidades históricas constam na primeira sequência discursiva composta por três afirmações de cada comentarista sobre as suas percepções acerca do pronunciamento. A saber, o atual diretor e apresentador do programa *Morning Show*, Vinícius Moura, iniciou a atração com um resumo dos principais pontos abordados pelo presidente da república durante o pronunciamento oficial na Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 26 de setembro deste ano. Nessa sumarização, o indivíduo Vinícius, constituído sujeito no enunciado, ocupa uma posição no discurso político em relação à escolha de cada informação elencada, em detrimento das informações omitidas durante a descrição do pronunciamento.

Entendemos, assim, que o presidente se constitui sujeito crivado pelo olhar do outro, isto é, o sujeito presidente emerge de um lugar social, histórico e político instaurado por certas condições de produção do discurso as quais o sujeito diretor se vale para produzir aqueles dizeres e não outros. Partindo dessa perspectiva, Vinícius direciona a oportunidade de fala para os comentaristas. No entanto, esses comentaristas constituem sujeitos em relação a um efeito de verdade sobre a imagem do sujeito presidente já estabelecida pela posição do sujeito diretor, uma vez que toda produção de um enunciado pressupõe não somente a relação com enunciados anteriores, como também a descrição estratégica de cada prática discursiva para compor uma relação de poder.

Para compreendermos como essas estratégias discursivo-políticas se materializam nos enunciados produzidos pelos sujeitos comentaristas, elegemos três sequências discursivas contendo recortes específicos de cada dizer, buscando relacionar de que modo cada participante aborda cada ponto reiterado por Bolsonaro. Dentre elas, selecionamos a perspectiva sobre a influência do regime governamental venezuelano, a regulação da mídia, a política de combate ao desmatamento da Floresta Amazônica e o andamento do processo de vacinação da covid-19. Ressaltamos que, na condição de produção dos enunciados, cada comentário foi realizado na ordem transcrita. Seguem as sequências discursivas (SDs) para posterior análise:

> *Joel*: Positivo eu tenho um pouco. Tem gente que vai querer criticar. Só para criticar não é o meu caso. Inclusive falou uma verdade ali,

> pelo menos uma teve, o Brasil tem um trabalho de receber venezuelanos. […] O Bolsonaro teve alguns torcedores, eu vi. Eu lembro do jornal O Globo que teve um editorial nesse sentido. […] Torciam para que ele mudasse a imagem do Brasil lá fora, relançasse a imagem do Brasil. Não conseguiu fazer. Ele teve um discurso ok. […] Teve que fingir que o Brasil está indo muito bem no combate ao desmatamento, na destruição ambiental. Não é verdade. […] Segundo outra medida do Imazon [Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia], de fotos de satélite aqui da Amazônia, agosto foi 7% pior do que o do ano passado. Inclusive, o pior agosto dos últimos dez anos.
>
> *Zoe*: Falou do país sem corrupção, falou das obras e sobre as obras em países socialistas como o meu país que o antigo governo do PT, né, financiava. […] Assim, eu vi o presidente ponderado. Foi muito ponderado com as suas palavras. Acredito que se ele adotar essa forma a partir de agora, vai ajudar muito, a trazer informação. […] Porque o governo dele vem fazendo muitos feitos que a mídia não divulga, só divulga os pontos negativos, e temos que lembrar que ele pegou um país que foi governado por mais de 14 anos pelo PT, de saques, de roubalheira.
>
> *Adrilles*: Existe uma guerra de narrativas. O socialismo pode ser entendido, por exemplo, como um governante que quer regular a mídia. Se existe uma hegemonia de uma mídia, de uma situação política e de uma situação de juízes que estão mancomunados com o candidato a presidente que foi solto, existe uma premissa que o governo autoritário pode ser endossado tanto pelo Judiciário que está soltando um bandido e por uma mídia que elege o sujeito que está falando que vai regular ela mesma, ou seja, esse é um princípio autoritário fundamentalista. […] Eventualmente, ele está trazendo à luz uma verdade que a comunidade internacional, inclusive científica, por alguma razão ou outra, querem cobrir e querem cercear, entendeu?

O sujeito Joel inicia o comentário com um jogo de descontinuidade histórica ao se referir à pluralidade de possibilidades de avaliação do discurso em "Tem gente que vai querer criticar. Só para criticar não é o meu caso", isto é, demonstra ciência de uma verdade construída e não absoluta. Depois, diz que "Inclusive falou uma verdade ali, pelo menos uma teve, o Brasil tem um trabalho de receber venezuelanos". Isso pressupõe que todas as outras afirmações proferidas por Bolsonaro foram dissonantes com a verdade a qual se filia a respeito da relação entre o que foi dito e o que de fato ocorre na realidade. Em contrapartida, o sujeito Zoe afirma "Falou do país sem corrupção, falou das obras e sobre as obras em países socialistas como o meu país que o antigo governo do PT, né, financiava".

Verificamos que o tema "refugiados venezuelanos" levantado por Joel acarretou como efeito de uma verdade a instância do funcionamento do socialismo e, por Zoe ser de origem cubana, pressupõe que possui conhecimento de causa. Em seguida, associa o financiamento das obras em Cuba ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Notamos um resgate partidário de um acontecimento histórico anterior, o "governo do PT", para sustentar a sua estratégia de que a fala do presidente ecoa a tensão a um regime socialista.

Por último, ainda nessa perspectiva, o sujeito Adrilles aponta que "Existe uma guerra de narrativas", isto é, utilizar o termo "guerra" já conduz a sua estratégia

à existência de ao menos dois polos opostos em algum ponto. Depois, apresenta uma justificativa para o problema do socialismo ao enunciar "Se existe uma hegemonia de uma mídia, de uma situação política e de uma situação de juízes que estão mancomunados com o candidato a presidente que foi solto". Ou seja, conserva estrategicamente a premissa de Zoe ao também atribuir os problemas do regime socialista ao Poder Judiciário, "uma situação de juízes", e ao "candidato a presidente que foi solto".

Entendemos que esse candidato mencionado integra uma rede de oposição nesse jogo de "guerra de narrativas", as quais não se mostram claras durante o comentário. A ausência da especificação de quem são os juízes ou quem é o candidato a presidente que foi solto demonstra uma estratégia discursivo-política de esvaziar o discurso, que, por alguma razão, precisa se manter omisso.

Por outro lado, o sujeito Joel continua seu comentário mencionando, como uma memória discursiva, um veículo midiático para sustentar o seu argumento ao afirmar que "O Bolsonaro teve alguns torcedores, eu vi. Eu lembro do jornal O Globo que teve um editorial nesse sentido", ao se referir aos direitos humanos dos muçulmanos. Como resposta a essa questão, o sujeito Zoe se posiciona estrategicamente e afirma pontualmente "Porque o governo dele vem fazendo muitos feitos que a mídia não divulga, só divulga os pontos negativos e temos que lembrar que ele pegou um país que foi governado por mais de 14 anos pelo PT, de saques, de roubalheira".

Ou seja, o sujeito Zoe invalida a menção do sujeito Joel ao jornal O Globo, caracterizando esse argumento como parte de uma filtragem dos feitos de Bolsonaro, isto é, a mídia se ocupa do papel de selecionar, de maneira deliberada, quais pontos são positivos ou negativos a fim de construir uma verdade sobre o sujeito presidente. Novamente, o sujeito Zoe traz a memória discursiva dos "14 anos de PT" para justificar a publicação seletiva do jornal O Globo, devido à omissão nas notícias de que o PT realizara no passado "saques" e "roubalheiras". Visualizamos em dois momentos a regularidade nos argumentos do sujeito Zoe para contrapor Joel: retoma o PT para fomentar as afirmações de Joel.

Em seguida, Adrilles, ainda sobre o tema da regulação das mídias, afirma que "Existe uma premissa que o governo autoritário pode ser endossado tanto pelo Judiciário que está soltando um bandido e por uma mídia que elege o sujeito que está falando que vai regular ela mesma, ou seja, esse é um princípio autoritário fundamentalista". Percebemos que, novamente, o sujeito Adrilles se vale de mencionar a postura do Poder Judiciário e a soltura de um bandido como uma memória discursiva e, porquanto, associa essas instâncias a uma mídia que não somente se torna parcial e favorável a esse "bandido", como também uma mídia que luta, em consonância com o que ele chama de "princípio autoritário fundamentalista", pela própria regulação.

Para pensarmos sobre as condições de possibilidade do discurso político nas sequências discursivas, vejamos como os comentaristas avaliaram a postura de Bolsonaro durante o pronunciamento. Primeiramente, Joel afirma que Bolsonaro, durante a fala na ONU, realizou alegações incompatíveis com uma dada verdade validada por dados científicos em "Torciam para que ele mudasse a imagem do Brasil lá fora, relançasse a imagem do Brasil. Não conseguiu fazer" ou em "Teve que fingir

que o Brasil está indo muito bem no combate ao desmatamento, na destruição ambiental. Não é verdade". O comentarista utiliza como dinâmica para montar sua estratégia discursivo-política a comparação entre o que o presidente disse e o que, segundo ele, ocorreu na realidade. Toma esse jogo de relações como uma maneira de tornar a fala do presidente incoerente com os dados apresentados em "Segundo outra medida do Imazon, de fotos de satélite aqui da Amazônia, agosto foi 7% pior que o do ano passado. […] O Bolsonaro se baseia em um dado apenas".

Em seguida, Zoe realiza uma avaliação geral do discurso em "Assim, eu vi o presidente ponderado. Foi muito ponderado com as suas palavras. Acredito que se ele adotar essa forma a partir de agora, vai ajudar muito, a trazer informação". Aqui, vemos que a escolha da palavra "ponderado" indica uma postura equilibrada, o que pressupõe uma condição de possibilidade de uma prática discursiva que necessita de ponderação. Além disso, o sujeito Zoe aponta que a adoção desse discurso ponderado se mostra diferente de falas anteriores do presidente em "a partir de agora", no entanto, não especifica quais as falas se enquadram nessa ponderação. Por último, Adrilles pontua que "Eventualmente, ele está trazendo à luz uma verdade que a comunidade internacional, inclusive científica, por alguma razão ou outra, querem cobrir e querem cercear, entendeu?".

Visualizamos aqui uma relação entre a fala dos sujeitos Joel e Adrilles. Joel utiliza como argumento a dinâmica entre o que o presidente disse e o que ele fez, segundo os dados científicos apresentados, enquanto Adrilles justifica essa dinâmica por meio da existência de uma verdade que a "comunidade internacional, inclusive científica quer cobrir e quer cercear".

Essa estratégia discursivo-política remete ao deslocamento do sujeito presidente de uma posição daquele que se contradiz no discurso, segundo o sujeito Joel, para aquele que "está trazendo à luz uma verdade" até então omitida pela comunidade internacional e científica, segundo o sujeito Adrilles. Aferimos, assim, que os enunciados produzidos por Bolsonaro no discurso da ONU sofrem reatualizações a partir das práticas discursivas do presidente à medida que os sujeitos utilizam estratégias discursivo-políticas para defender a sua verdade em relação à verdade instaurada pela apresentação inicial do resumo de Vinícius.

Em segundo lugar, observemos como as relações de poder podem ser descritas durante o debate entre os comentaristas, que se refere ao diálogo ocorrido depois de os três participantes utilizarem o espaço de tempo para proferirem os seus comentários gerais. Dessa forma, apresentamos o recorte dessa discussão para posterior análise das relações de poder, a fim de pensarmos como esses indivíduos se constituem sujeitos a partir das estratégias discursivo-políticas adotadas. Para tanto, apresentamos a sequência discursiva para investigação:

> *Paulo*: Qual o presidente de uma nação foi para defender tratamento precoce?
>
> *Adrilles*: Exatamente, ele é único.
>
> *Paulo*: Então, ele, então, é Bolsonaro contra o mundo?
>
> *Adrilles*: Não, não. É o princípio de tratamento precoce, é uma coisa você pode tratar a pessoa com medidas que eventualmente pudessem salvar vidas [inaudível].
>
> *Joel*: Cloroquina, Adrilles, cloroquina, caixinha [inaudível].

> *Adrilles*: A gente tem como ministro da saúde, que mandou as pessoas ficarem em casa até morrerem. […] Esse é um discurso para revelar uma realidade que está sendo colocada para debaixo do tapete.
>
> *Joel*: Cloroquina pura [inaudível].
>
> *Adrilles*: [inaudível] …que eu apoio plenamente a vacina ou por outros interesses políticos. Quando ele diz que governadores sufocaram a economia, sufocaram emprego, que pioraram a situação do Brasil em nome de falsas medidas sanitárias, ele está trazendo à luz um princípio de realismo.
>
> *Zoe*: De todo um discurso, só pega este trechinho.
>
> *Joel*: Tenham coragem de admitir, Bolsonaro infelizmente defendeu a cloroquina na ONU.
>
> *Adrilles*: Ele não disse isso.
>
> *Zoe*: Ele coloca palavras na boca do presidente.
>
> *Joel*: Se o isolamento social fosse o desastre da economia, São Paulo não teria puxado o crescimento econômico do Brasil com medidas de isolamento duras. Olha a onda em são Paulo.
>
> *Adrilles*: Ele [João Dória] não conseguiu controlar nada.

Pensando no conceito de disciplina apresentado nas fundamentações teóricas, tratamos o corpo dos indivíduos comentaristas como suscetíveis a servirem de suporte para o atravessamento de discursos políticos. Dessa forma, almejamos evidenciar quais posições esses sujeitos ocupam ao se inserirem na instituição midiática. Chamamos de poder disciplinar a filiação dos comentaristas na dinâmica de normas preestabelecidas pelo programa *Morning Show* que regula o que pode ou não ser dito no programa. Devido ao comportamento assertivo do mediador Paulo Matias durante a ocorrência do debate, pressupomos que, nesse veículo midiático, as afirmações proferidas obedeceram integralmente às exigências da rede de rádio, pois não houve interferência no conteúdo apresentado, exceto nos momentos de falas concomitantes. Assim, valemo-nos do pressuposto de que o poder disciplinar exerceu sua função normatizadora sobre os sujeitos e as relações de poder, portanto, seguiram de maneira confluente ao que se determina na emissora de rádio Jovem Pan. Assim sendo, iniciemos a análise.

Paulo inicia o debate ao questionar a atitude do presidente em defender o tratamento precoce em seu discurso. O sujeito Adrilles articula o seu argumento afirmando que "Exatamente, ele é único", ou seja, parte do pressuposto de que, na equiparação dos discursos de todos os presidentes, Bolsonaro se singulariza. Em seguida, o sujeito Adrilles estrutura estrategicamente o seu argumento pautado em uma reatualização do enunciado do presidente de que o tratamento precoce se trata de um "princípio" associado a uma medida de "salvamento de vidas". Para tanto, responsabiliza, pela quebra desse princípio, o atual ministro da saúde ao afirmar "A gente tem um ministro da saúde que mandou as pessoas ficarem em casa até morrerem". Em seguida, afirma que há uma verdade encoberta pelo ministro da saúde, a qual também afeta esse princípio em "Esse é um discurso para revelar uma realidade que está sendo colocada para debaixo do tapete".

Em contrapartida, Joel tenta em dois momentos dessas alegações interromper a fala de Adrilles, fazendo menção a um medicamento tanto em "Cloroquina, Adrilles, cloroquina, caixinha [inaudível]" quanto em "Cloroquina pura [inaudível]". Em reação a essas

duas colocações de Joel, o sujeito Adrilles se posiciona no discurso político a fim de direcionar a responsabilidade do presidente para governadores em "Quando ele diz que governadores sufocaram a economia, sufocaram emprego, que pioraram a situação do Brasil em nome de falsas medidas sanitárias, ele está trazendo à luz um princípio de realismo". Mais uma vez, o sujeito Adrilles constata a existência de uma verdade sobre a realidade omissa no discurso do ministro da saúde.

Além disso, em conformidade à ponderação de Adrilles, Joel confronta em "Tenham coragem de admitir, Bolsonaro infelizmente defendeu a cloroquina na ONU". Por fim, tanto o sujeito Adrilles em "Ele não disse isso" quanto o sujeito Zoe em "Ele coloca palavras na boca do presidente" colocam estrategicamente em questão a veracidade das afirmações do sujeito Joel. Nesse contexto, quando o sujeito Joel se sente invalidado, responde "Se o isolamento social fosse o desastre da economia, São Paulo não teria puxado o crescimento econômico do Brasil com medidas de isolamento duras, olha a onda em São Paulo" e, consequentemente, o sujeito Adrilles encerra o debate afirmando que "Ele [João Dória] não conseguiu controlar nada".

Por conseguinte, as estratégias discursivo-políticas se sumarizam com a instauração de duas posições no discurso político: um sujeito que se alinha a uma verdade sobre a realidade brasileira distinta de uma verdade descrita pelo presidente, no caso do sujeito Joel; e um sujeito que revoga essa diferença e defende a construção de uma outra verdade, na qual o presidente se enquadra em um conjunto de razões justificáveis e sempre associadas a uma premissa exterior, como outros partidos, os ministros, os outros presidentes que discursaram na ONU e a comunidade científica.

**Considerações finais**

Em suma, constatamos que a instituição midiática de comunicação da rádio Jovem Pan se filia a um imbricamento de delineamentos partidários a partir de dois posicionamentos antagônicos. De um lado, os sujeitos comentaristas Adrilles e Zoe se valem de uma memória discursiva histórica a respeito do então presidente da república, em contraposição ao posicionamento do sujeito Joel. Este, apesar de também se filiar a uma mesma memória discursiva histórica, adota estratégias distintas para fomentar o seu enunciado.

Assim sendo, compreendemos que coexiste uma pluralidade de posicionamento dos sujeitos comentaristas no discurso político, o qual emerge nos enunciados mediante o resgate de elementos históricos. Esses elementos estão relacionados, em comum, à qualificação das práticas discursivas do presidente da república durante a condução das medidas preventivas para contenção dos impactos da pandemia.

Dessa forma, de acordo com a análise do *corpus*, consumamos que a instituição midiática programa *Morning Show* se vincula a uma verdade específica: a avaliação positiva ou negativa da conduta do presidente da república durante a gestão da pandemia. Logo, a verdade aqui se divide em duas premissas. Se, de um lado, os sujeitos Adrilles e Zoe se filiam a formações discursivas favoráveis a essa avaliação do governo federal, de outro, o sujeito Joel aponta estrategicamente o seu discurso de resistência nas relações de poder fixadas durante os comentários.

Firmamos, ainda, que as estratégias discursivo-políticas adotadas pelos sujeitos analisados não instauram uma verdade absoluta, mas, pelo contrário, demonstram essa verdade sempre em construção, conforme os enunciados se formulam baseados em uma memória discursiva vigente e circulante durante todos os comentários. As interações entre os sujeitos, por fim, como visto neste estudo, pautam-se nessas estratégias de movimentação das posições do sujeito no discurso político, em conformidade com as condições históricas naquela atualidade institucional.

**Referências**

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999. p. 2-79.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Recebido em 2021-10-23
Publicado em 2022-05-01